

Edmir Saint-Clair

A Casa Encantada  
Contos do Leblon



Contos e Crônicas



# **A CASA ENCANTADA**

Contos do Leblon

Edmir Saint-Clair

1ª Edição – 2019

**ISBN:**

9781698604459



**Dedico este livro aos meus filhos  
Patrick e Fernanda.**

**Aos amigos:**

William Frota (Dedé),  
Humberto Donghia (Tuca),  
Guilherme Lacerda,  
Ignez Limeira,  
Juana Garibaldi, Sandra Sarmiento,  
Meu afilhado Rodrigo Frota (Digão),  
Maria de Lourdes Goulart (Dinda)  
E a minha maior parceira, amiga, revisora e  
incentivadora:  
minha irmã **Patrícia Saint-Clair.**

***In memoriam:***

*Carlos Eduardo Millan (Bode),  
Guillermo Torrero Diaz (Mito),  
José Carlos Ferreira do Monte (Cacaio).*



**Foto de capa:** Eduardo Ribas

+51 21 99994-1141

[www.eduribasfoto.com](http://www.eduribasfoto.com)

[eduribasfoto@gmail.com](mailto:eduribasfoto@gmail.com)

[@eduribasfoto](#)

## **PREFÁCIO**

Para mim, o Leblon é mais do que um bairro do Rio de Janeiro. É o Rio de Janeiro.

Foi nele que aprendi a engatinhar, a andar, a respirar. No Instituto Amapá, meu primeiro colégio, ao lado de casa na Rua José Linhares, aprendi a ler e fiz meu primeiro amigo. Meu time de futebol é o do clube do meu bairro: o Flamengo. O Flamengo nunca ficou na Gávea, fica no Leblon. Portanto, o clube mais popular do mundo, que as outras torcidas chamam de “mulambada”, é do elegante Leblon. Aqui, conheci a praia e o mar antes de me entender por gente. Não me lembro quando. Nada me acalma e relaxa tanto quanto deitar nas areias da praia do Leblon.

A Praça Antero de Quental ou o Jardim de Alah eram meus lugares de brincar e onde comecei a descobrir o mundo e as amizades. Até os 11 anos, nunca havia viajado para outra cidade, o Leblon era meu mundo. Estudei no Instituto Amapá (Rua José Linhares), no Curso Rosamar (Av. Bartolomeu Mitre) e no Curso Goiás (Rua Dias Ferreira), que eram colégios pequenos e já não existem há tempos. Muitos dos meus amigos da vida inteira foram feitos nessa época. A primeira comunhão

foi feita na igreja Santa Mônica depois de um curso de catecismo, com a Dona Norma.

Em 1969, assisti a um dos acontecimentos mais tristes e terríveis que poderia presenciar: o incêndio da favela Praia do Pinto, onde moravam várias pessoas que eu gostava muito e nunca mais vi. Minha primeira Copa do Mundo foi o tricampeonato de 1970, assistida pela TV preto & branco e comemorada em cima dos carros, num Leblon entusiasmado e em êxtase. As primeiras festinhas adolescentes foram na AABB, Monte Líbano e Caiçaras, na Lagoa. Mas as inesquecíveis foram as de sábado do Campestre e no Clube Leblon (aos domingos). O único lugar para comer que ficava aberto na saída do Campestre era um bar onde os táxis faziam ponto, se chamava Pizzaria Guanabara, a pizza era ótima e vendia pedaços no balcão.

## Índice

PREFÁCIO .....	7
OS LACERDINHAS.....	11
MISTER.....	17
A DANÇA DA VIDA .....	36
A DESPEDIDA. ....	38
FÉRIAS.....	45
O ROUBO QUE NUNCA ACONTECEU .....	49
MEU AMIGO QUE VOAVA .....	57
O MISTÉRIO DO TÊNIS DO BODE.....	60
ANGIE .....	66
MISTÉRIO NO LEBLON .....	71
A MEDALHA DE SÃO JORGE .....	74
O SOLITÁRIO .....	92
RECOMEÇAR.....	97
O CONSELHEIRO NOTURNO.....	98

O MEDO DA MUDANÇA.....	112
O SEU ANJO .....	118
NO ÚLTIMO MOMENTO .....	122
A CASA ENCANTADA .....	133
UM MINUTO .....	152

## OS LACERDINHAS



Nunca mais vi um Lacerdinha. Nem ouvi falar. Pensando bem, faz anos, talvez décadas, que não tenho notícia. O Lacerdinha era um inseto menor do que um mosquito. Mas, o Lacerdinha não transmitia doenças.

Não era um mosquito. Era um inseto pretinho que infestava o Leblon, principalmente as transversais, numa certa época do ano. Minhas lembranças deles estão ligadas à época em que morava na Rua José Linhares.

No final da tarde, eram cigarras cantando e Lacerdinhas caindo das árvores. Às vezes, nos olhos. Ardia e coçava muito! Deixava os olhos inchados e mãe preocupada.

Eles eram atraídos por roupa clara, principalmente amarela. Por vezes, atingia os olhos e provocavam irritação e ardência intensa. Esses minúsculos (mediam poucos milímetros) insetos eram chamados de Lacerdinhas, em referência a um antigo político carioca, Carlos Lacerda, governador no tempo do estado da Guanabara.

Descobrimos que eles ficavam nas folhas mais novas ainda enroladas, nas árvores. A gente as desenrolava e surgiam um monte de Lacerdinhas em seu interior.

Para mim, os Lacerdinhas despertam uma lembrança marcante. Uma história que me provoca vergonha até hoje. Eu tinha uns 5/6 anos e era acostumado a brincar na rua. Havia muitas crianças, tanto no meu prédio quanto nos vizinhos.

Naquela época a maioria das casas tinha uma empregada que morava na favela Praia do Pinto ou na Cruzada São Sebastião. Quando, por algum motivo, a empregada da minha mãe levava o filho para o trabalho, no caso a minha casa, ele se tornava um amigo a mais, que passaria o dia brincando comigo, meu irmão e nossos outros amigos. Seu apelido era Bilico, o nome era Bernardo, o dia era sábado, 10 de maio de 1969, véspera do Dia das Mães. Dona Celestina e minha mãe estariam ocupadas com o almoço comemorativo do dia seguinte.

Bilico era muito gente boa, mais novo que eu um ano e mais velho que meu irmão apenas alguns meses. Era negro com os dentes grandes e brancos. Era tímido, mas engraçado, falava de uma maneira diferente que eu achava legal. Quando Bilico passava o dia lá em casa fazia tudo junto comigo e meu irmão; almoçava, tomava banho, brincava, lanchava, descia para brincar e era sempre divertido.

Nesse dia, Bilico chegou cedo tomou café conosco e descemos pra rua pra brincar. Sábado não tinha aula e o dia era todo nosso. Era época de Lacerdinhas.

Dentre os garotos que brincavam na rua, tinha um que era especialmente assustador para mim e meu irmão. O Arlindo era mais velho, mas não andava com os garotos da idade dele. Andava conosco, dois a três anos a menos. Nessa idade, isso faz uma grande diferença. Gostava de nos intimidar e bater. Ninguém ficava com pena quando o pai dele aparecia chamando-o, sempre gritando e batendo nele. Também tínhamos medo do pai dele.

Nessa tarde, estávamos catando Lacerdinhas nas árvores. Abriamos as folhas e ficávamos observando os Lacerdinhas se mexendo lá dentro. De repente, o Arlindo pega uns Lacerdinhas no dedo e empurra no olho do Bilico, que observava bem de pertinho.

– Tá com fome? Toma neguinho!